



Paixão no gelo

A fotógrafa carioca Luciana Whitaker conta como é viver no norte do Alasca, para onde se mudou há 11 anos, atrás de um grande amor

FÉRIAS PARA MIM é sinônimo de viagem. Viagem e fotografia. Em abril de 1996, depois de terminar um namoro, chegava o meu período de folga do jornal onde trabalhava. O que fazer? Nunca tinha viajado sozinha. Acabei embarcando numa aventura inusitada: um passeio de trenó, puxado por cachorros, em um parque nacional no norte do Alasca. A viagem foi única, natureza deslumbrante e pessoas adoráveis. Me empolguei com o Alasca e resolvi esticar minhas férias para conhecer Barrow, uma vila no extremo norte onde esquimós ainda caçam baleias de maneira tradicional, para sua própria subsistência.

No passeio de trenó havia conhecido um casal que era amigo de uma família de esquimós de Barrow e acabei me hospedando na casa dessa família. A viagem ficava cada vez melhor. Queria conhecer esquimós desde pequena e ali estava eu, dividindo uma casa com eles. Passeava e fotografava de dia, ouvia histórias de minha anfitriã Ellen e sua enorme família enquanto jogávamos palavras cruzadas de tabuleiro, à noite.

Foi no ônibus local que eu conheci o Kelly. Subi a escada com o dinheiro nas

mãos, mas o motorista só recebia fichas, que eu deveria ter comprado na estação. Kelly abriu um sorriso lindo, debaixo de seus olhos azuis claros e cachos louros, e pagou minha passagem. Perguntou de onde eu vinha e começou a falar sobre a cidade, como se fosse um tour, durante todo o percurso do ônibus. Agradei e saltei ao chegar em meu ponto.

À noite, Ellen me chamou: “Lu, telefone!”. Eu não dei o número para ninguém... quem seria? Era Kelly. Como a cidade é muito pequena, todos se conhecem. Ele descobriu onde estava hospedada e me convidou para visitar o mar congelado. Eu, doida para ver as baleias que ficam por ali, aceitei na hora.

A partir desse dia, todas as noites, depois do trabalho, Kelly me buscava e saíamos para passear de *snow machine*, uma espécie de moto para a neve. Vimos um veleiro congelado no mar, o sol da meia-noite, pe-

Acima, esquimós em barcos a remo à procura de baleias na região de Barrow, no norte do Alasca. Ao lado, Kelly, AJ, Luciana, James e o cachorro Toffee: uma família na neve



gadas de ursos polares e, sobre o silêncio do gelo, escutamos a respiração de baleias.

Me encantei com ele e com a voz rouca de sua filha de 10 anos, AJ. Ela era uma menina linda de olhos amarelos e longos cabelos dourados emoldurando seu rosto esquimó de maçãs altas, fruto de um casamento de Kelly com sua namorada esquimó dos tempos de escola.

Vogue repórter



À esquerda, a filha mais nova de Luciana, Juliana, descansa em um iglu; à direita, AJ, a enteada. Abaixo, esquimós puxando uma baleia

Nascido em Seattle, Kelly foi das primeiras crianças brancas a freqüentar regularmente a escola de Barrow. Seu pai, piloto de avião do centro científico da Marinha americana, levou a família para lá quando ele tinha 10 anos. Ao completar 14, seus pais voltaram para Seattle, mas ele resolveu ficar com a família de seu melhor amigo, Anthony Edwardsen, neto de noruegueses e penúltimo filho de uma família de 13 irmãos. Kelly foi informalmente adotado pelos Edwardsen e, com eles, aprendeu a viver como um esquimó, além de ter se tornado um excelente caçador.

Na minha última noite em Barrow, viamos a noite no gelo enquanto era capturada a primeira baleia daquela primavera. Kelly foi ajudar a puxar a baleia para cima do gelo e ficou para o corte enquanto eu fotografava. De manhã, ele me levou ao aeroporto e me entregou um cartão, que eu deveria abrir somente quando o avião levantasse vôo.

Era início de maio, e, ao abrir o envelope, percebi que era um cartão de Dia das Mães. Mas eu não tinha filhos! Saí de lá sem termos trocado um beijo sequer mas, mesmo assim, Kelly me pedia em casamento. Quando, depois, ao telefone, eu disse que não havia um grande jornal em Barrow, que eu não teria trabalho, ele respondeu: “Não faz mal, você pode ficar em casa, cuidando das crianças”. Fiquei brava com essa resposta, achando

do que era machismo. Mas não, era mais uma mostra da generosidade de Kelly.

Acabei aceitando passar um tempo com ele. Pedi demissão do meu emprego de oito anos na coordenação da fotografia da sucursal carioca da *Folha de S. Paulo*, peguei meu cachorro, deixei meu apartamento no Jardim Botânico com uma amiga e fui, de mala e cuia. Me lembrava do que me disse um amigo: “Cavalo selado só passa uma vez!”

Voltei a Barrow no fim de julho, nos casamos em outubro e engravidei na lua-de-mel. James nasceu na mesma época em que a mãe da AJ morreu. Ganhei um neném e uma esquimozinha como filha e grande companheira. Três anos depois veio a Juliana.

Nossas crianças aprenderam inglês, português e, na escola, inupiaq, a língua local. A família Edwardsen também nos adotou, como havia feito no passado com

Kelly. A aaka (avó) Mary me fez um casaco de peles, a aana (tia) Eda me ensinou

a carregar meus nenéns dentro do casaco no estilo esquimó. Tony, o amigo de infância de Kelly, é capitão da nossa equipe de caçar baleias. Aprendi a costurar peles, a extrair tendão de animais para fazer o fio de costura impermeável, a cortar e cozinhar carne de baleia. Acabei virando a fotógrafa da cidade. Adoro estar no gelo e fiz amigos queridos. Os esquimós são pessoas muito carinhosas e abraçam como nós, brasileiros. Em 2005 voltei ao Brasil para finalizar meu livro, *11 Anos no Alasca*, que será lançado este mês pela Ediouro, e vivo atualmente entre o Rio e Barrow. O futuro, como todos os grandes momentos da minha vida, é imprevisível.

